

AGORA É ALEGRIA!

Agora que o ronco dos motores de construção da “Estrada do feijão” está se aproximando dos ouvidos da cidade, de nossa cidade, de nosso Mundo Novo; agora que a alegria esperada está deixando de ser esperança para se tornar realidade é interessante lembrar palavras faladas e escritas no tempo em que as promessas eram feitas mas não eram cumpridas.

Palavras faldas: em discurso de saudação ao então Governador Lomanto Junior, em janeiro de 1967, na Associação Rural de Mundo Novo, lamentavelmente não termos tido a prioridade do asfalto, uma vez que, dizíamos, aqui é o caminho de Irecê, aqui é a estrada do feijão. Foi a primeira vez, salvo engano, que surgiu esta denominação de “Estrada do feijão.”

Palavras escritas — em crônica publicada sob o título de “Esperanças apagadas,” em 7-4-67: “Aquêlê “Slogan” de “Feijão na lapela” despertava esperanças na gente de meu município: porque por aqui passa a “Estrada do feijão,” o caminho do celeiro que é Irecê. Mas não é só Irecê, não é só feijão; é o milho, é o arroz, é a farinha, é o leite, é o café, é a mamona, são as frutas variadas: mangas, laranjas, limas, limões, abacates e bananas. São as lavouras de Tapiramutá, de Piritiba, Mundo Novo, Monte Alegre, Rui Barbosa, Baixa Grande, Macajuba, Ipirá. E principalmente: as boiadas gordas de Mundo Novo, Rui Barbosa, Monte Alegre, Macajuba, enfim: de toda esta zona de intensa produção; boiadas que continuam viajando a cascos para o abate em Salvador!

“A cascos, perdendo centenas de arrobas em cada boiada! “A cascos, como na era dos carros de bois! “A cascos, nesta era do asfalto!

“Aquêlê “slogan” do “Feijão na Lapela” nos dava a esperança de prioridade para o asfalto. “Porque, por aqui, repito, passa a “Estrada do feijão.”

“A fita do asfalto passaria por aqui e busca destas riquezas em suas fontes, para os grandes mercados consumidores do Estado e do País.

“a suinocultura de Irecê não ficaria mais sem preço, sem compradores para essa produção, os cereais de toda esta zona rica não apodreceriam nas fontes de produção. “As boiadas seriam transportadas como as de Minas, em poucas horas em vez de muitos dias, em veículos modernos em vez de penosas, longas e tristes caminhadas a cascos. A esperança sorria em nossas almas, iluminava os nossos corações. A “esperança do povo”...

“Depois ... o que vimos foi um derrame de bilhões para uma fita de asfalto no deserto! “Onde não ha feijão, não ha milho, não ha arroz, não ha frutas, não ha leite, não ha boiadas! “Louvado seja Deus! “O asfalto Joazeiro-Feira é uma insanidade!”

Basta de transcrições. Porque não é hora de “esperanças apagadas.” É hora de alegria do asfalto chegando e a esperança da luz de Paulo Afonso iluminando novas esperanças! O asfalto no escuro, o asfalto sem a energia de Paulo Afonso erguendo indústrias em nosso chão, seria alegria incompleta. Mas a presença desse extraordinário realizador Antonio Carlos Magalhães no Governo do Estado, é mais do que esperança, é certeza de que a alegria que Luiz Viana Filho e o próprio Antonio Carlos Magalhães nos deram com a “estrada do feijão,” não ficará incompleta. Certeza que não só de Mundo Novo, é também de Monte Alegre, Piritiba, Tapiramutá, Baixa Grande, de toda esta região fertilíssima da bacia do Paraguassú que viveu esquecida dos poderes públicos, marginalizada até o advento de Luix Viana Filho, o melhor Governador que a Bahia já conheceu.

Com fundamento nesta certeza é que afirmamos: Agora é alegria!

50

Mundo Novo, (Bahia) 2 de julho de 1971

EULÁLIO MOTTA